

Caio Prado Júnior: História e sociedade

MILTON PINHEIRO (ORG.)

Salvador: Quarteto, 2011, 189p.

*Maíra Machado Bichir**

O livro em questão é resultado de um seminário sobre a contemporaneidade do pensamento de Caio Prado Jr., organizado pelo Cemarx da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e pelo Instituto Caio Prado Jr., ocorrido em 2010. Trata-se de uma compilação de oito artigos que versam sobre distintas dimensões do pensamento de um dos mais importantes historiadores brasileiros, que, em seu conjunto, oferecem um mapa bastante rico sobre os elementos que conformam Prado Jr. enquanto intelectual, político, pioneiro na apropriação do marxismo no país, bem como clássico do pensamento brasileiro.

O primeiro artigo, de Sofia Manzano, chama a atenção para um traço distintivo de Prado Jr. em relação a dois outros grandes intérpretes do Brasil, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, qual seja, seu método analítico, o materialismo dialético, e sua compreensão do passado colonial, que se expressa em sua original análise da formação social brasileira. Através de apontamentos sobre a população, a produção e a organização social, relevantes temas na constituição da visão do historiador paulista, Manzano busca explicitar a acuidade do método empregado pelo autor. Ao conceber a formação social brasileira como parte de uma totalida-

* Doutoranda em Ciência Política na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: mairabichir@hotmail.com.



de histórica, Prado Jr. revela, segundo a autora, que a colonização somente pode ser compreendida enquanto parte integrada do processo de expansão comercial europeia. Assim, os elementos configuradores de nossa formação social estariam orientados e se encontrariam subordinados a um sentido, o sentido da colonização, entendido como complexo empreendimento produtivo voltado para a satisfação das necessidades do mercado externo em expansão.

Mauro Luis Iasi, em seu artigo, questiona alguns dos pressupostos centrais de Prado Jr. acerca do caráter e do sujeito da revolução no país. Explorando a relação entre análise concreta e as soluções e respostas políticas aos desafios colocados por tal realidade, Iasi destaca o antidogmatismo de Prado Jr. que orienta suas críticas à interpretação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) sobre a formação social brasileira, e, sobretudo, às teses programáticas daquele partido, que propugnavam a necessidade de uma revolução agrária, antifeudal e anti-imperialista, nos marcos de uma Revolução democrático-nacional. Embora o esforço explicativo de Prado Jr. produza avanços, especialmente no que tange à compreensão da estrutura agrária e das relações de trabalho no campo brasileiro, Iasi considera que o autor não é capaz de superar efetivamente as formulações de seu partido. A ausência de uma reflexão mais detida sobre o Estado brasileiro e a concepção de um desenvolvimento “geral”, marcado por reformas nacionais e populares e conduzido por tal Estado teriam contribuído, segundo Iasi, para que o autor permanecesse no campo da formulação democrático-popular.

Lincoln Secco problematiza os desafios enfrentados por Prado Jr. na apropriação do marxismo para a explicação da realidade brasileira. Secco resgata o conceito de tradução desenvolvido por Antonio Gramsci para elucidar o processo realizado por Prado Jr., o qual se recusava a empreender uma cópia daquele pensamento, formulado em um contexto histórico-político e em um registro espaço-temporal bastante distinto daquele sobre o qual o historiador paulista se debruçava. Ressaltando o lugar ocupado pela história e pela dialética nas elaborações de Prado Jr., Secco faz referência a algumas temáticas trabalhadas pelo autor nas quais seria possível vislumbrar a originalidade de sua empreitada.

No artigo de Bernardo Ricupero encontramos uma significativa contribuição sobre a história do marxismo no Brasil. A narrativa de Ricupero recupera os primeiros contatos do PCB com o pensamento marxista, passando às primeiras teses, que buscavam aplicar o método e a teoria marxista à análise do Brasil, e aos debates no campo da esquerda comunista brasileira, chegando finalmente a meados da década de 1950, quando o marxismo alcança a universidade. Ricupero situa Prado Jr. no interior desses processos e historiciza seu pensamento, associando-o à “geração de 1930”, a qual se dedicou à questão da formação brasileira. Ao mesmo tempo, as obras de Prado Jr. escritas entre a década de 1950 e a de 1960 o posicionariam dentro de uma nova problemática, a qual passou a hegemonizar o pensamento brasileiro: o desenvolvimento nacional. Ricupero caracteriza Prado Jr. como continuador e inovador do marxismo do Brasil, já que ao mesmo tempo que introduz uma análise



que reflete as experiências históricas e sociais brasileiras, mantém seu compromisso político com o PCB e com o marxismo soviético.

Os artigos de Luiz Bernardo Pericás e de Milton Pinheiro propiciam ao leitor uma incursão na trajetória pessoal, intelectual e política do autor em questão. Pericás enfoca, sobretudo, o caráter militante e revolucionário de Prado Jr., lançando luz sobre sua concepção de socialismo. Em contraposição à perspectiva de alguns críticos de Prado Jr., Pericás salienta que o marxismo, para aquele autor, significava não apenas um instrumento fundamental para a compreensão do processo histórico nacional, mas também um instrumento para a luta pelo socialismo. Pinheiro, por sua vez, ao aludir a eventos importantes no percurso de vida de Prado Jr. e à contribuição do conjunto de sua obra ao pensamento marxista brasileiro, reivindica o papel desse intelectual e militante político na história.

André Kaysel Velasco Cruz realiza uma cuidadosa e instigante comparação entre o pensamento do historiador brasileiro e do peruano Mariátegui. Os dois intelectuais, considerados autores heterodoxos no âmbito do movimento comunista, teriam convergido, segundo Kaysel, em suas análises sobre a inserção subordinada de seus países no mercado mundial e sobre o impacto que tal posição exerceu sobre a nação. Nesse sentido, o imperialismo, tema de especial relevância na obra dos dois autores, teria produzido um efeito contraditório tanto no Brasil, quanto no Peru, já que ainda que tenha se refletido na modernização das economias desses países, significou, ao mesmo tempo, o bloqueio à formação da nação. No que tange ao tema da burguesia nacional, Kaysel identifica que, se para Mariátegui o papel dessa classe era claramente negativo, para Prado Jr. é possível, no curso de seus escritos, observar nuances e ambiguidades no tratamento dessa questão.

No último artigo, Marcelo Buzetto sublinha a atualidade das obras de Prado Jr. para a luta política no Brasil. A partir dos escritos do historiador paulista sobre a questão agrária, Buzetto destaca dezesseis pontos considerados por ele fundamentais aos movimentos sociais contemporâneos de luta pela reforma agrária. O resgate do pensamento de Prado Jr. por tais atores políticos é urgente, segundo o autor, na medida em que pode contribuir, de maneira substancial, ao avanço dessa luta a partir de uma perspectiva classista.

O conjunto de artigos reunidos nesse livro, dedicados ao estudo das obras, do pensamento e da formação intelectual e política de Caio Prado Jr., representa um convite à análise dos escritos do próprio autor. A complexidade de sua produção teórica e de sua militância política, expressa na problematização e na crítica dos autores dessa coletânea às interpretações de Prado Jr, evidencia justamente a necessidade de aprofundarmos os estudos a partir de diversas áreas do conhecimento, bem como as reflexões sobre as perspectivas de transformação social da realidade brasileira.

BICHIR, Maíra Machado. Resenha de: PINHEIRO, Milton (org.). Caio Prado Júnior: História e sociedade. Salvador: Quarteto, 2011, 189p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.36, 2013, p.165-167.

Palavras-chave: Caio Prado; Brasil.